Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

ANÁLISE DO DISCURSO DA MASCULINIDADE EM BROOKLYN NINE-NINE

CESAR AUGUSTO VILLAR COLLINO

Orientadora: Prof ª Drª Érika de Moraes

Bauru, SP

2019

Cesar Augusto Villar Collino

ANÁLISE DO DISCURSO DA MASCULINIDADE EM BROOKLYN NINE-NINE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Relações Públicas do departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof ª Drª. Érika de Morares

Bauru, SP

2019

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Érika, pessoa que não só me ajudou a lidar com os sinuosos caminhos da AD Francesa como também me apoiou nas inseguranças que tive nesse processo de produção científica. Li nos agradecimentos em sua tese de mestrado que “orientador é para sempre” e eu realmente espero que seja verdade.

Agradeço aos meus amigos Ednan Kevin e Karina Martins que sempre são, ao mesmo tempo, apoio para minhas horas mais escuras e parceiros nas ideias mais malucas. Vocês sempre aceitaram tanto meus erros quanto meus acertos como forças minhas e me ajudaram a transformar a salada de ideias que tenho em realidade, não consigo imaginar a faculdade sem vocês.

Agradeço à professora Alana Volpato, pois no ato de ser a professora que nos deu aula do primeiro ao último ano nos mostrou que lecionar não é apenas uma profissão qualquer, e sim um ato de resistência.

Agradeço à UNESP por me apoiar, tanto na minha trajetória dentro das exatas quanto das humanidades e ser essa rede de segurança que me permitiu evoluir como acadêmico e como pessoa.

Enfim agradeço à minha família por constantemente discordar das minhas ideias sem nunca deixar de apoiar minhas decisões.

“All men support and perpetuate sexism and sexist oppression in one form or another… Like women, men have been socialized to passively accept sexist ideology. While they need not blame themselves for accepting sexism, they must assume responsibility for eliminating it.”

Bell Hooks

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso mobiliza conceitos de Análise do Discurso de tradição francesa e dos estudos sobre gênero para analisar o produto midiático *Brooklin Nine-Nine*. Com base, principalmente, no conceito de *ethos discursivo* proposto por Maingueneau (2008), o objetivo é discutir a representação das personagens masculinas na série, buscando apontar como se estabelece a relação com o interdiscurso sobre a masculinidade. Nossas análises mostram que há uma parcial concordância com certos discursos vigentes, mas também algumas rupturas e, por isso, este trabalho tem relevância na discussão que envolve a identidade masculina.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ethos Discursivo; Gênero; Masculinidade; Representação.

Abstract

This paper mobilizes concepts of Discourse Analysis from the French tradition and gender studies to analyze the Brooklin Nine-Nine media product. Based mainly on the concept of *discursive ethos* proposed by Maingueneau (2008), the objective is to discuss the representation of male characters in the series, seeking to point out how the relation with the interdiscourse about masculinity is established. Our analyzes show that there is a partial agreement with certain prevailing discourses, but also some disruptions and therefore this paper has relevance in the discussion involving male identity.

Keywords: Discourse Analysis; *discursive ethos*; Gender; Masculinity; Representation.

Conteúdo

1 – Introdução 1
2 - Discussão teórica 3
2.1 - Análise do Discurso e o Ethos Discursivo 3
2.2 - Masculinidade e masculinidade hegemônica 7
3 - Análise do *corpus* 11
3.1 - Descrição do *corpus* 11
3.2 – Análise 12
4 – Considerações finais 23
5 – Bibliografia 25

1–Introdução

Discussões sobre masculinidade, masculinidade tóxica e assédio sexual aumentaram a tração na mídia com o movimento #metoo, que teve como catalisador as denúncias de assédio relacionadas ao ex-produtor e ex-chefe da Miramax, Harvey Weinstein. O movimento iniciou-se com uso da *hashtag* #*metoo* nas mídias sociais para denunciar casos de abuso, assédio e estupro no local de trabalho, em ambientes públicos e em casa.

Esse movimento teve diversos frutos, como por exemplo, maior mobilização dos órgãos legislativos dos Estados Unidos para produzir leis que protejam os sobreviventes dessas violências. É nesse contexto que a Terrence Crews (conhecido como Terry Crews) testemunha no Senado, no dia 26 de junho de 2016, em defesa da "*Sexual Assault Survivors' Rights Act",* uma lei que prevê direitos aos sobreviventes, por meio de subsídio, a kit de coleta de evidências em caso de estupro e acesso a profissionais da saúde para lidar com o trauma da violência. O discurso feito por Crews vai ao encontro da relevância quanto à discussão sobre a masculinidade e foi importante na decisão do tema deste trabalho: a masculinidade.

Este trabalho se propõe a mobilizar conceitos da Análise do Discurso de tradição francesa e dos estudos sobre gênero com objetivo de analisar o produto midiático *Brooklyn Nine-Nine* (doravante B99). Essa série de televisão é produzida por Dan Goor e Michael Schur e teve sua estréia em 25 de março de 2014, ela foi escolhida, pois apresenta mais de um tipo de masculinidade em diferentes personagens e, por isso, facilita a relação dela com a conceituação de masculinidade adotada por esse projeto.

B99 tem como cenário a nonagésima nona delegacia de polícia de *Nova York.* A trama começa com o anúncio da entrada de um novo capitão na delegacia, o capitão Holt. A série conta o cotidiano dos policiais que ali trabalham, permeando tanto casos de polícia quanto situações pessoais da vida das personagens.

O *corpus* escolhido para a análise é o oitavo capítulo da quarta temporada intitulado "*SkyfireCycle*", em português "O ciclo de fogo no céu". O capítulo tem três frentes, a primeira acompanha o trabalho de Terry e Jake em um caso no

qual o escritor favorito de Terry está sendo ameaçado de morte. A segunda acompanha a discussão entre Gina e Charles sobre onde irão passar as férias da família Boyle, o que leva a um conflito, uma vez que Gina quer ir para Aruba e Charles quer ir para Iowa. Já a terceira frente acompanha a briga entre Holt e seu marido Kevin sobre um problema de matemática, quando Rosa e Amy tentam ajudar o capitão.

Este capítulo foi escolhido, pois dois de seus arcos narrativos[1] trabalham com a relação de dois homens e, por isso, podemos fazer uma análise mais densa da masculinidade proposta pela série. Isso não quer dizer que não existam personagens femininas importantes para o enredo, e sim que a interação dessas relações masculinas entre si e com o restante das personagens exemplifica os discursos da série. Esses arcos narrativos serão o foco da análise, haja vista que eles possibilitam melhor mobilização do conceito de gênero utilizado por este trabalho.

Nosso objetivo é analisar os diferentes ethos pré-discursivos e discursivos expressos pelos personagens masculinos de B99 de forma a melhor entender o interdiscurso que contém a crise de identidade masculina observada atualmente. Este trabalho entende que é necessário participar e enriquecer o debate de masculinidade, pois ele pode nortear futuras relações de gênero e hegemonias.

[1] Arco narrativo é definido como o caminhar da narrativa

2 - Discussão teórica

Optamos por dividir esta etapa do trabalho em duas partes: uma dedicada às teorias de Análise de discurso e outra, às teorias sobre gênero. Essa divisão proporciona a visão individual de cada área de estudo, levando-nos a buscar a relação entre elas nas análises que virão a seguir.

2.1 - Análise do Discurso e o *Ethos* Discursivo

Este trabalho mobiliza o respaldo teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, pautando-se especialmente no conceito de *Ethos* Discursivo, conforme proposto por Dominique Maingueneau. Assim, situaremos a seguir o quadro teórico e os principais conceitos mobilizados.

Desde a obra "*Análise automática do discurso*" de Michel Pêcheux, de 1969, os conceitos de Análise do Discurso (doravante AD) passaram por mudanças e ressignificações, permanecendo esta obra como uma referência fundadora e parte importante da história da AD. Quanto ao posicionamento do autor, Mussalim aponta:

> É nesse contexto que nasce o projeto de AD. Michel Pêcheux, apoiado numa formação filosófica, desenvolver um questionamento crítico sobre a linguística e, diferentemente de Dubois, não pensa a instituição AD como um progresso natural permitido pela linguística, ou seja, não concebe que o estudo do discurso seja uma passagem natural da lexicologia (estudo das palavras) para a Análise do Discurso. A instituição AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm em questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. (2004, p.105)

Podemos observar que a AD tem uma definição bem específica dentro das discussões dessa área de estudo e, tal definição não está restrita a análise gramatical e sintática de textos, dado que está fortemente ligada a ideologia do sujeito. Assim, podemos dizer que o texto é tão importante para a AD quanto o contexto no qual ele está inserido. Observa-se essa relação retomada em: "preferimos associar a análise do discurso, sobretudo, à relação entre texto e contexto" (MUSSALIM, 2004, p.105).

De acordo com Maingueneau (1997, p. 11, apud MUSSALIM 2004, p. 111) "Uma região do estudo da língua se refere à linguagem apenas à medida que esta

faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas" e Mussalim (2004, p 111) complementa dizendo que é nesta região que a AD se encontra. Esse trecho indica que a historicidade dos discursos é tão relevante quanto o contexto social para a formação discursiva e para a AD.

O objeto de estudo da AD é o discurso, atrelado intrinsecamente ao interdiscurso. É importante pontuar que existem particularidades ao definirmos discurso dentro dessa área de estudo, uma vez que discurso é uma palavra extensivamente utilizada no senso comum. Na linguagem cotidiana, a palavra discurso está normalmente associada a grandes textos falados por pessoas importantes, como um discurso oficial ou o discurso de Martin Luther King Jr., que até podem ser objetos de estudos para AD, entretanto, o discurso permeia outros meios e outras situações, como, por exemplo, uma charge ou uma série de TV e, aqui, é mobilizado em sentido conceitual.

Maingueneau (2016, p.35) segmenta interdiscurso em três conceitos: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O primeiro é definido como "conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada", ou seja, é o lugar onde todas as formações discursivas (doravante FD) que interagem entre si estão. O segundo está contido no universo discursivo e descreve o lugar que FDs em concorrência se encontram, esta concorrência pode ser "tanto confronto aberto quanto aliança" (MAINGUENEAU, 2016, p.36). Já o espaço discursivo é um recorte que o analista do discurso faz ao anterior por meio de "hipóteses fundadas sobre conhecimentos de texto e saber histórico" (MAINGUENEAU, 2016, p.36).

É no espaço discursivo que as FDs "nascem", interagindo com Outros discursos. No livro *Gênese do Discurso*, Maingueneau analisa os discursos dos Jansenistas e dos Humanistas Devotos. Ele aponta que a FD Jansenista tem origem na FD dos Humanistas Devotos e, terminologia do autor, o Jansenismo pode ser Mesmo e o Humanismo Devoto pode ser Outro. Em seguida é reiterado que o Outro não se restringe a um único discurso, pois o próprio Jansenismo tem origem em mais de um discurso, uns com mais intensidade que outros, e o Jansenismo também terá influência em Outras FDs.

Dessa forma, Maingueneau (2016, p.39) conclui que o Outro não é externo ao Mesmo, podendo ser encontrado “na raiz do Mesmo”. Em outras palavras, o Outro é parte fundamental da formação do Mesmo e essa afirmação explicita a importância do contexto discursivo na AD, uma vez que o contato com o Outro auxilia na análise do Mesmo. Tal oposição ajudou a definir a FD Jansenista e isso será relevante sempre que analisarmos esta FD, mesmo que ela mude de campo discursivo. Essa mudança pode acarretar em novas FDs e até na ressignificação de certos componentes da FD Jansenista, mas a relevância do Outro não deixa de existir.

Charaudeau e Maingueneau (2018, p. 171) apontam que, para que um texto seja discurso é necessário que ele esteja relacionado, ao mesmo tempo, a uma referência contextual e a uma atitude ou posicionamento do locutor em relação a esse contexto. Tanto a AD quanto o discurso tem sua definição dividida entre o texto e o contexto.

> Primeira hipótese: o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas o espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos. (MAINGUENEAU, 2016, p. 20)

Esta primeira hipótese de Maingueneau nos indica outra forma de observar o objeto da AD. O interdiscurso é um espaço discursivo ou um conjunto de discursos que interagem entre si sobre uma temática central, ou seja, a interação entre discursos é objeto de estudo da AD. Além disso, o autor nos indica que é no interdiscurso que o discurso tem sua gênese, ou seja, é nesse espaço de interação discursiva que possíveis locutores têm acesso ao contexto de um tema qualquer e, em seguida, definem a atitude que terão sobre esse tema. Isso reforça ainda mais a relação entre AD e contexto.

A relação entre discurso e interdiscurso é, portanto, um princípio guia para a AD. Por sua vez, este trabalho se propõe a trabalhar com essa relação, considerando que um espaço midiático como uma série de TV nos apresenta o entrecruzamento entre diversos discursos em torno de situações específicas.

Outro conceito importante para este trabalho é o *Ethos* Discursivo. Destacamos que essa palavra, como as outras discutidas nessa seção, teve mais de um significado na história, tendo sua concepção inicial por Aristóteles com o *Ethos* Retórico.

> A prova pelo *ethos* consiste em causar uma boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. (MAINGUENEAU, 2008, p. 13)

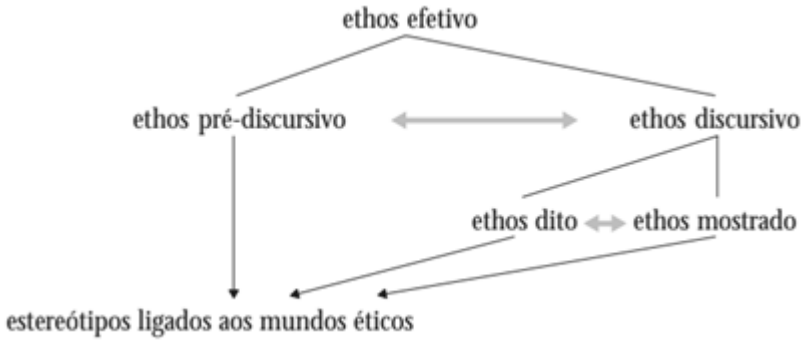
Esta definição trabalha com a enunciação em si e, portanto, trabalha parcialmente com os conceitos que hoje utilizamos em AD. Assim ele nos dá um caminho para iniciarmos a discussão.

Maingueneau (2008, p.17) destaca três características, chamadas por ele de princípios mínimos, "que podem ser exploradas nas diversas problemáticas de ethos". O primeiro diz que *"ethos* é uma noção discursiva", ou seja, não acontece alheio à fala do locutor, o segundo diz que *ethos* é "um processo *interativo* de influência do outro". Já a terceira aponta uma característica importante para este trabalho, conforme a seguir:

> É uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursivos), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica (MAINGUENEAU, 2008, p.17)

Nesta citação, podemos observar uma característica do *ethos*: ele não está restrito aos aspectos verbais, uma vez que a comunicação não-verbal, o contexto do discurso e o Outro são fundamentais para sua formação. Outra distinção feita por Maingueneau acontece entre *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo, sendo que o primeiro é formado pelo ouvinte (no caso de um texto falado) antes mesmo de alguma palavra ser dita. Já o *ethos* discursivo tem maior ônus no enunciador, pois este é a interação do *ethos* dito e do *ethos* mostrado. Tal relação pode ser vista na figura 1:

Figura 1 - Esquema do *ethos* efetivo



Fonte: Maingueneau (2008, p.19)

Destaca-se a importância do “outro” (interlocutor) na formação do *ethos* efetivo. Como a figura mostra, o *ethos* discursivo está dividido em dois: *ethos* dito e *ethos* mostrado. Isso aponta como a formação do *ethos* não está alheia ao seu interlocutor, pois se a análise se restringisse às palavras ditas, o *ethos* dito seria suficiente para a discussão, contudo não é o caso. Se pensarmos, por exemplo, em duas pessoas enunciando um discurso qualquer, a primeira de terno e gravata e a segunda de roupas íntimas, tais situações implicariam *ethos* discursivos diferentes, mesmo se as mesmas palavras forem ditas.

Já o *ethos* pré-discursivo é anterior à enunciação e se refere, por exemplo, a expectativas do discurso a ser enunciado. Isto tem influência na formação do *ethos* efetivo e, portanto, no próprio discurso, sendo que esse tipo de formação acontece dentro do interdiscurso.

2.2 -Masculinidade e masculinidade hegemônica

Gênero e masculinidade são palavras que aparecem constantemente na rotina brasileira, seja na forma de texto em mídias sociais, seja na forma de discursos oficiais, por exemplo. Diante disso, iniciaremos abordando a palavra gênero individualmente e, em seguida, trabalharemos os outros conceitos.

Definir gênero é um trabalho complexo, pois esse conceito sofreu muitas mudanças conforme o movimento feminista e as ciências avançaram na

discussão durante as últimas décadas e, por isso, não é nossa intenção esgotar o tema.

> Esse uso [do termo gênero] insiste na idéia de que o mundo de mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Rejeita-se[SIC] assim as esferas separadas, as justificativas biológicas. O Gênero seria uma forma de indicar construções sociais. (GUEDES, 1995, p.9)

A autora aponta que, de acordo com certas linhas de pesquisa, gênero é uma questão de construção social, ou seja, é criado pela cultura na qual ele está inserido. Isso implica na própria definição de masculinidade e feminilidade, pois culturas diferentes podem definir esses termos de forma distinta, ou seja, a expectativa de mulheres estarem restritas ao trabalho doméstico não é hegemônica no mundo.

Outro ponto importante é o caráter arbitrário que a divisão de gênero tem, uma vez que os critérios utilizados para diferenciar seres humanos são escolhidos por seres humanos, sempre influenciados por contextos e ideologias. Autoras como Judith Butler (2003) reforçam essa ideia ao apontar que o entendimento sobre o sexo é uma condição cultural e não exclusivamente biológica, uma vez que este também é definido por características arbitrárias como produção hormonal, órgãos reprodutivos e cromossomos.

Para Bordieu (2012, p.17), a “divisão entre os sexos” é naturalizada a ponto de ser vista como inevitável, assim é “atitude natural” se conformar com o discurso hegemônico e esquecer-se das condições sociais que esse discurso defende. O autor exemplifica (2012, p.18) dizendo que a “visão androcêntrica” se impõe como neutra, e assim o discurso androcêntrico não precisa se legitimar. Destacamos que a visão dicotômica a respeito de homens e mulheres, apesar de não aparentar, é discursiva, pois ela está pautada por uma ideologia.

O fato de os discursos serem permeados por ideologias não é, necessariamente, algo negativo, mas sim constitutivo e indicador de que a suposta “neutralidade” proposta pela visão androcêntrica é falsa, pois não é possível que ela seja neutra. A dominação do feminino ou do masculino não tem causa na biologia dos corpos humanos, entretanto a biologia é, muitas vezes,

usada como justificativa da dominação quando, na verdade, traduz uma visão de mundo vigente.

Desse modo, apontamos que iremos abordar gênero dessa forma, como uma construção social e arbitrária da cultura na qual está inserido. A série tratada em nosso *corpus* descreve o dia a dia em uma delegacia de polícia dos Estados Unidos, portanto**,** iremos nos apoiar no contexto ocidental de gênero.

Neste contexto, a divisão mais comum acontece entre masculino e feminino, conceitos inicialmente tratados como opostos, como Silva aponta

> A preocupação com uma possível feminilização por parte de alguns homens fizeram [SIC] com que investissem e construíssem para si uma série de papéis e traços representativos da sua condição masculina, de forma que descrevesse melhor o atual homem vitoriano, em contraste com o seu oposto, a mulher, e mais inadvertidamente, a seu inverso, o homossexual. (SILVA, 2000, p.11)

A preocupação de “se tornar mulher” ou “se tornar homossexual” está ligada à ideia de masculino e feminino serem considerados opostos e, por isso, ser um é negar o outro. Por esse motivo, como o autor indica, foi necessário desenvolver diversas características estereotipicamente exclusivas de cada grupo, por exemplo: razão é masculino e emoção é feminino. O culto à masculinidade tratado pelo autor nos apresenta uma janela sobre como a diferenciação de masculino e feminino aconteceu no ocidente no século XIX.

> Com a saída das mulheres do espaço privado para o público, como decorrente das duas guerras mundiais, da industrialização e do movimento feminista que ora tentava se firmar, o resultado foi uma verdadeira avalanche de pesquisas, discussões e redefinições de papéis sociais cujo o [SIC] gênero foi tomado como ponto de partida para a discussão, e herdeiro dos *gender’s studies.*(SILVA, 2000, p.12)

Esse movimento indica uma crise no culto à masculinidade do século XIX, pois o reconhecimento da mulher como ser social implica no questionamento do patriarcado e, portanto, o masculino se encontra dividido entre tentar manter um domínio infundado sobre o feminino e aceitar certas características, antes tidas como femininas, como parte de sua definição.

Com o interesse público aumentando cada vez mais nas questões de gênero os questionamentos direcionados ao patriarcado, apontados por

movimentos sociais e pelas ciências, ficam mais intensos e, portanto a crise masculina também. As mudanças que o conceito de masculinidade hegemônica vem sofrendo servem, não só para representar essa crise, mas também para guiar a abordagem deste trabalho.

Começamos dizendo que hegemonia não está ligada ao juízo de valor, portanto, existir hegemonia não é necessariamente ruim. Por exemplo, se em uma sociedade for hegemônica a aceitação da lei da gravidade é considerado positivo, enquanto a descrença nas vacinas for hegemônica é considerada negativa e comportamentos ligados a gênero não fogem dessa regra.

Connell e Messerschmidt (2013, p. 272) dizem que “relações de gênero são sempre arenas de tensão” e a hegemonia de um padrão de comportamento masculino apresenta uma solução as problemáticas que essas tensões trazem. Silva (2000) indica que boa parte da história de sexo e gênero no ocidente pode-se observar os homens como detentores de poder (sistema patriarcal), tal situação gera tensão e a resposta foi o culto à virilidade e a dominação do feminino.

Novamente, nos encontramos em uma encruzilhada e essas novas tensões estão demandando novas e melhores soluções. Nesse ponto, Silva (2000, p.13) é otimista ao dizer que as características usadas para descrever homens terão mais “feminilidade”, por outro lado:

> A contestação é real [do patriarcado], e a teoria de gênero não prevê qual prevalecerá – o processo é historicamente aberto. Em conseqüência a hegemonia pode fracassar. O conceito de masculinidade hegemônica não se assenta em uma teoria da reprodução social. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 272)

Podemos observar que os autores não apontam uma resposta para a resolução dessas tensões, uma vez que elas só serão resolvidas dentro da sociedade. Connell e Messerschmidt (2013, p. 272) colocam que “é possível definir uma masculinidade hegemônica completamente positiva” apesar de ser uma prática difícil de atingir. Mesmo em todo esse contexto, essa masculinidade positiva ainda é “uma estratégia-chave para os esforços contemporâneos de reforma”.

3 -Análise do *corpus*

Dividimos este capítulo em dois, a primeira parte trata da descrição do *corpus* e de certas relações mais gerais das personagens e o tema abordado. Já a segunda parte trata da análise do episódio em si.

3.1 - Descrição do *corpus*

B99, conhecida no Brasil por “Lei e Desordem”, é uma série de humor que conta o cotidiano de detetives de polícia em uma delegacia de polícia. As histórias podem abordar casos policiais ou da vida pessoal dos personagens.

Dan Goor e Michael Schur são os criadores da série e este não é o primeiro trabalho de sucesso dos produtores. O primeiro trabalhou como roteirista em *Parks andRecreation* em nove capítulos e escreveu para diversos *Talk Shows* como *The Daily Show* e *Late Night withConanO’Brien.* O segundo iniciou a carreira como roteirista de *Saturday Night Live* e *The Office,* hoje é diretor em *B99* e *The GoodPlace.*

B99 teve sua estreia em setembro de 2013 e hoje se encontra em sua sexta temporada, cada uma com 22 episódios. Entretanto a série apresentou problemas durante sua produção, o maior destaque aconteceu ao final da quinta temporada. A Fox, emissora da série na época, que cancelou a série. No dia seguinte do cancelamento, a NBC assumiu a produção da série e anunciou a sexta temporada.

A série tem nove personagens recorrentes, esses são: Amy Santiago (Melissa Fumero), Charles Boyle (Joe LoTruglio), Gina Linetti (Chelsea Peretti), Jake Peralta (Andy Samberg), Raymond Holt (AndreBraugher), Rosa Diaz (Stephanie Beatriz) Michael Hitchcock (DirkBlocker) Norm Scully (Joel McKinnon Miller) e Terry Jeffords (Terry Crews).

No início da série é apontado que a delegacia está sem um capitão e seus capítulos iniciais trabalham com a apresentação do substituto e os conflitos que a nova liderança gera no departamento. O novo capitão é Raymond Holt, cuja imagem é de ser pragmático e metódico. Essas características decorrem, dentre outros fatores, da linguagem utilizada pelo personagem que será exemplificado

com o comentário que ele faz no casamento de Jake e Amy: “Tem sido um verdadeiro prazer observar sua distrativa rivalidade imatura evoluir em um distrativo cortejo imaturo e agora tenho certeza que irá se tornar em um distrativo casamento imaturo” (nossa tradução[2] - cena do capítulo Jake and Amy de B99). Essa frase aponta o gosto da linguagem formal com o uso de palavras como distrativo e cortejo, um tipo de linguagem associado ao seu comportamento metódico. Isso dialoga com seus gostos, pois, ao ser indagado sobre o que comer, ele diz trazer seus “blocos nutritivos” sem sabor algum (cena do capítulo Payback de B99).

Essas características representam apenas uma parte da personagem, pois com o decorrer da série podemos observar que ele não é unidimensional. Existem capítulos que abordam os preconceitos que Holt sofreu dentro da polícia por ser negro e homossexual como no capítulo Payback. Não iremos entrar em detalhes, mas escolhas importantes em sua vida foram tomadas devido a esse sofrimento, como a de se tornar capitão. Holt é casado com Kevin, professor de uma universidade em Nova Iorque que compartilha de seus mesmos gostos e aparece esporadicamente na delegacia.

O capitão Holt também assume um papel importante conforme seu personagem se aproxima dos demais, o de figura paterna, portanto, em muitas vezes, ele assume o papel de apoio emocional ou de mentor quando outros precisam. Exemplos disso são momentos em que ele conversa com Terry quando este sofre racismo, ajuda Jake quando tem dificuldades em se relacionar e auxilia nos estudos de Amy para que ela consiga uma promoção.

Jake Peralta é detetive dentro do departamento e as primeiras características que são apresentadas ao público são seu gosto por brincadeiras com e por filmes de ação dos anos 80. Apesar desses gostos, o detetive não tem muita força física; de fato, parte dos comentários que ele faz sobre ele mesmo se refere à ausência dessa força, ao contrário do exemplo masculino de McClane em Duro de Matar. Fora isso o personagem demonstra empatia pelos colegas, tentando ajudá-los em conflitos tanto pessoais quanto profissionais.

[2] Desse ponto em diante todas as falas foram traduzidas por nós

A personagem também é conhecida por ser brincalhão e parte de suas piadas giram em torno dele mesmo, entretanto, há exceções como na frase “título de seu vídeo de sexo” ao se referir a algum comentário de duplo sentido de um colega. Essa característica pode apresentar ideias sexistas, entretanto ela não aparece no *corpus* estudado.

O sargento Terry Jeffords é o último personagem analisado em profundidade por este trabalho, ele é um homem forte e, normalmente, se define por ser pai de duas filhas que influenciam muito suas escolhas dentro da delegacia. O seu primeiro arco de personagem foi devido ao seu medo de usar uma arma, pois com o nascimento das filhas ele ficou com receio de ir às ruas e deixá-las sem pai. O personagem também serve de mentor aos outros detetives devido ao seu tempo na polícia e sua capacidade de empatia.

3.2 – Análise

O capítulo escolhido para análise é o oitavo da quarta temporada intitulado “O Ciclo do Fogo no Céu”, pois ele trata de duas relações entre homens e estas nos dão uma janela para a subversão do padrão esperado de masculinidade. Como o episódio está no meio da temporada, as personagens se encontram em um conflito com policiais de maior hierarquia e por isso haviam sido transferidos para o turno noturno.

Quanto ao episódio, o primeiro arco narrativo a ser analisado é um conflito entre Capitão Holt e seu marido Kevin relativo ao problema matemático “Monty Hall”, no qual as personagens discordam da solução. O problema trata da situação de um programa de TV “*Let’s make a deal”* que dá aos participantes uma escolhe entre três portas, chamaremos de portas A, B e C, e atrás de uma das portas há um prêmio para o participante que acertá-la.

Imaginemos a situação: um participante escolhe a porta A e o apresentador de TV, ao invés de abrir a A, abre a porta C e dá a oportunidade para que o participante troque para B. A solução óbvia, de que trocar ou não trocar dá 50% de chance de acerto, é incorreta, uma vez que temos provas teóricas e empíricas que existe maior probabilidade de acerto para o participante aceite a troca.

Figura 2 – Problema Monty Hall, Amy Santiago (centro)



Fonte - Série Brooklyn Nine-Nine, capítulo 8 temporada 4.

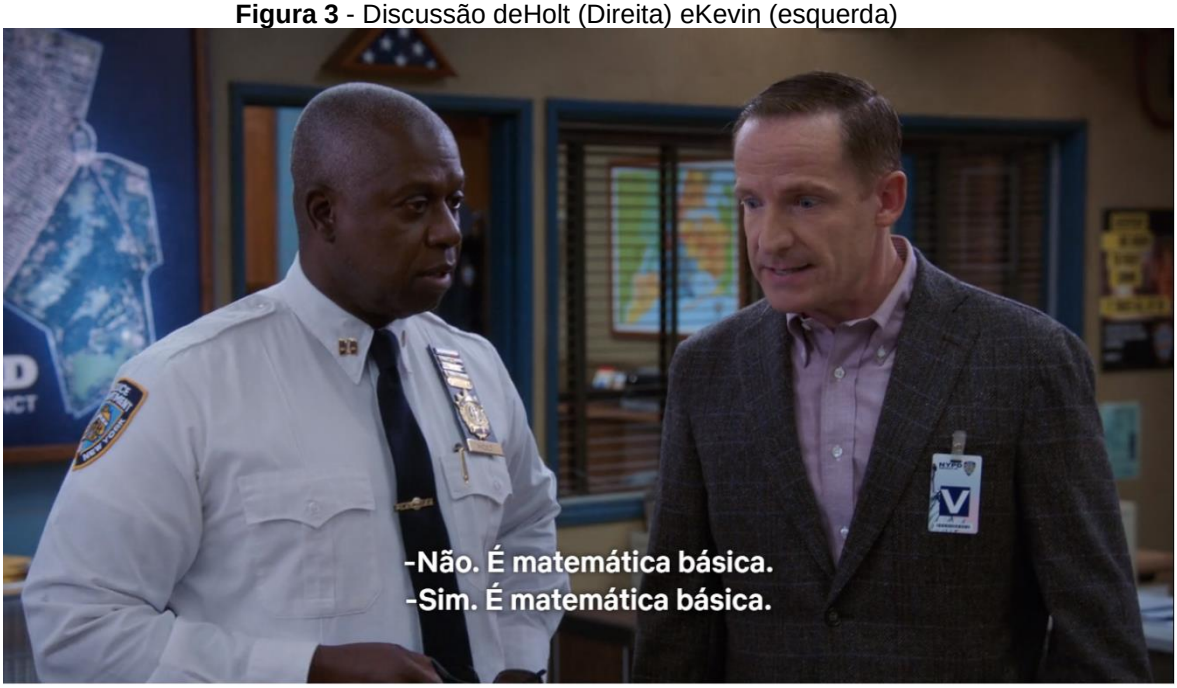
Voltando ao episódio, Holt aponta que é indiferente fazer a troca uma vez que a probabilidade é a mesma, enquanto Kevin diz que existe sim diferença. A discussão dos dois chega ao departamento de Polícia e envolve as detetives Santiago e Diaz.

A subversão que queremos apontar se trata do *ethos* pré-discursivo em relação ao *ethos* discursivo das personagens e, para destacar o *ethos* pré-discursivo, utilizaremos uma cena da primeira temporada de outra série popular, “How I Met Your Mother”. O casal Marshall e Lilly não quer sair com os amigos para uma festa, pois eles organizaram uma degustação de vinhos e queijos e a resposta dos amigos foi “Quem diria que se comprometer numa relação heterossexual deixasse um cara tão gay?” Podemos observar que a frase aponta certos estereótipos de um homem heterossexual, como ir a uma festa, e estereótipos de um homossexual, como degustar queijos e vinhos.

Já a subversão do discurso de B99 acontece ao fugir de estereótipos, uma vez que Holt e Kevin têm características individuais que não representam todos os homossexuais, a subversão está na individualidade. No episódio analisado, a matemática é central para descrever o desentendimento do casal, e não a homoafetividade em si. Assim, podemos dizer que existe um silenciamento tanto

do discurso anti LGBT quanto do discurso pró LGBT e, dessa forma, a série naturaliza a homoafetividade. Observamos no *ethos* pré-discursivo a expectativa da discussão do assunto e o *ethos* reforça essa expectativa, pois se trata de um casal homoafetivo, entretanto, o *ethos* dito quebra essa expectativa ao não discutir o assunto e sim naturalizá-lo.

Figura 3 - Discussão deHolt (Direita) eKevin (esquerda)



Fonte - Série Brooklyn Nine-Nine, capítulo 8 temporada 4.

Na hora de explicar o problema para as duas detetives, Holt é interrompido por seu marido que diz “Está contando errado” e, em seguida, conta da mesma forma. Este problema na comunicação de um casal é clichê no cinema e na TV e,dessa forma, a naturalização do casal no ambiente que a série se passa aparece novamente.

Na cena seguinte, o capitão conta para as detetives Santiago e Diaz que o conflito com Kevin continua. Em seguida, Holt sai de cena e Santiago diz que as duas “Precisam explicar essa coisa para salvar esse relacionamento”, indicando que a solução do problema matemático (essa coisa) irá salvar o relacionamento e Diaz contrapõe dizendo que “Não se trata de matemática, o turno da noite tem mantido os dois afastados. Eles precisam transar”.

Ao dizer que “o turno da noite tem mantido os dois afastados”, Diaz está apontando que o trabalho está dificultando o casal de se ver, portanto, momentos

que são importantes para o casal não estão acontecendo. Kevin trabalha em uma universidade durante o dia e Holt trabalha na polícia à noite e, por isso, eles não têm tempo de se ver. A solução proposta por Diaz "*transar"* é complexa e, por isso, vamos abordá-la em duas frentes.

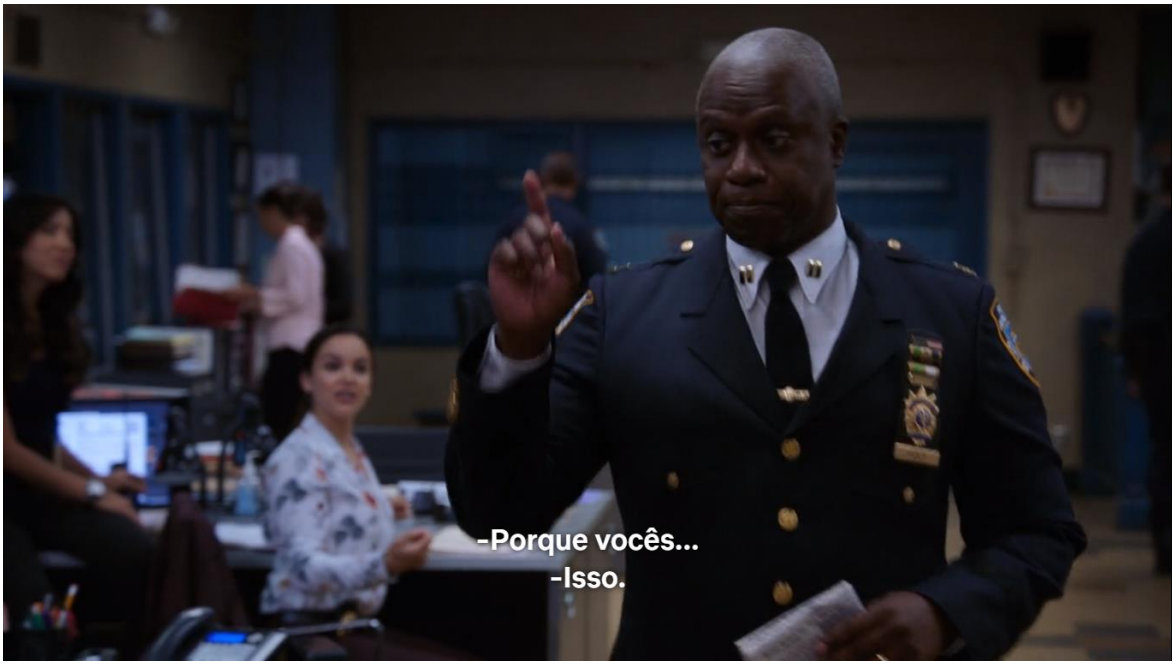
A primeira é relativa ao *ethos* pré-discursivo que associa LGBTs com falta de controle e perversão sexual, o que pode ser exemplificado pela associação histórica que houve entre o HIV[3] e a consideração dessa doença como típica dos praticantes de relações homossexuais. Sabemos que a contração do HIV não é exclusiva de nenhuma orientação sexual e, ainda assim, existiu um discurso que sustentava tal afirmação. Em uma pesquisa realizada em 1996, período em que o Brasil registrava aumento de 2.9 milhões de novas infecções, 74% das pessoas entrevistadas disseram que a transmissão se dava por "punição e castigo divino" devido a "comportamentos anti-sociais ou reprováveis" (MENEGHIN, 1996, p.413). Em 1992, constatou-se que 36% dos norte-americanos disseram que a transmissão estava associada a "punição de Deus, comportamento sexual imoral" (Public Religion Research Institute, 2014, p.44). Dessa forma, pode-se observar que associar LGBT com a AIDS não é exclusivo do brasileiro, entretanto os números indicam que essa tendência era mais forte no Brasil.

Tratar o ato sexual de um casal homoafetivo como natural é reforçar as ideias apresentadas anteriormente, pois silencia o discurso que diferencia pessoas com orientação sexual diferentes. Entretanto, a segunda frente em que podemos analisar esse discurso não é tão otimista. "Eles precisam transar" reforça um discurso corriqueiro entre homens de que ato sexual leva a amor e carinho. Este discurso não é subversivo de forma alguma, pois definir masculinidade com o ato sexual está diretamente ligado ao culto à masculinidade que se iniciou no século XIX e não a uma nova definição de masculinidade. O arco narrativo conclui com Holt contando que o problema está resolvido e Santiago pergunta "por que, você entendeu a matemática?" o capitão responde "não" e Diaz diz "Porque vocês..." com o capitão respondendo "Sim" como podemos observar na figura abaixo. Dessa forma, fica implícito que foi o ato

[3] Vírus da Imunodeficiência Humana, ou HIV, é o vírus causador da doença SIDA, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

sexual que resolveu a briga e observamos mais uma vez o discurso que “*transar*” é a solução dos problemas de relacionamento de um homem.

Figura 4 – Holt explicando a resolução de seu conflito



Fonte - Série Brooklyn Nine-Nine, capítulo 8 temporada 4.

O arco narrativo de Peralta e Jeffords começa com o anúncio de que o escritor de ficção preferido de Jeffords, D.C. Parlov, recebeu uma ameaça de morte e a polícia de Nova Iorque está investigando. Jeffords conta que, quando era menor, recebeu um livro de Parlov com a dedicatória “Terry, você tem amigos. Você tem a mim. Nunca se esqueça que nessa vida nós escrevemos nossas próprias histórias” e, de acordo com o personagem, essas palavras o inspiraram a “reescrever a própria história”. Peralta então diz “O pequeno Terry ficou fortão.” E Jeffords responde “o pequeno Terry ficou emocionalmente saudável”.

Este diálogo é explícito na subversão que faz. Peralta diz que a mudança que Jeffords teve em sua vida foi ficar forte, uma menção direta à relação de masculinidade com força e virilidade e, imediatamente, é corrigido, indicando que mais importante que força é saúde emocional. Nesse caso, Peralta utiliza o próprio discurso que está sendo criticado, um exemplo de *filtragem*. A ideia de masculinidade que este trabalho utiliza aponta que existem diversas formas de expressão masculina e não aponta que ser forte é ruim, e a série aponta isso também quando Jeffords diz: “Quer saber, ele também ficou forte”. Ficar forte faz

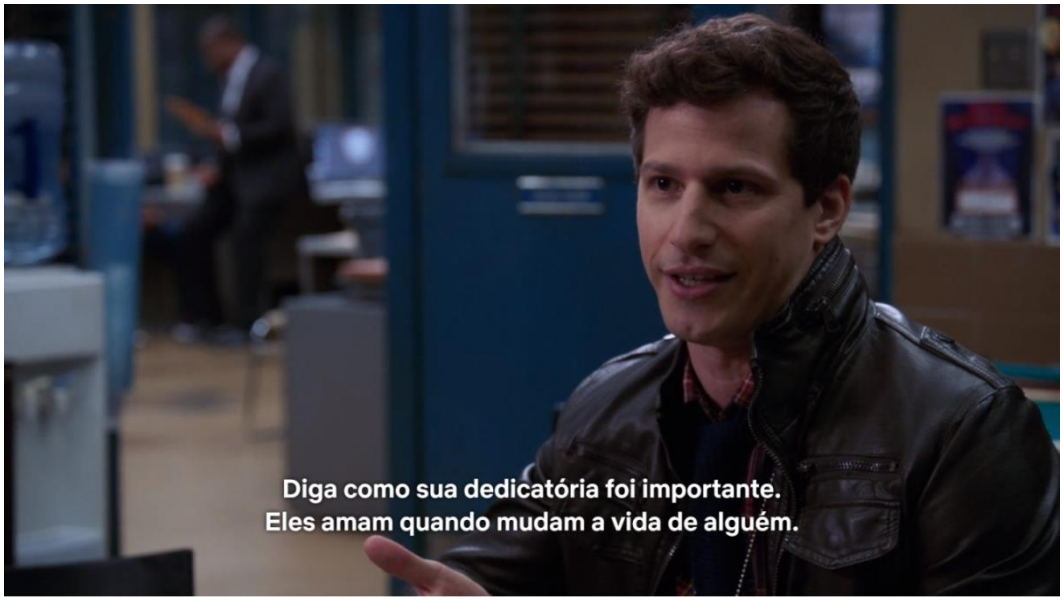
parte da personalidade do personagem, mas não foi isso que gerou a maior mudança na sua vida, foi sua saúde emocional.

Na cena seguinte, Peralta avisa o amigo que conseguiu a transferência do caso para que eles pudessem conhecer Parlov, deixando Jeffords inseguro. Nesse momento, Parlov chega à delegacia e Peralta tem que realizar boa parte do interrogatório sozinho, pois o amigo está nervoso.

A insegurança de Jeffords é subversiva, pois temos um estereótipo que associa a insegurança masculina à fraqueza e, somado a isso, o porte físico do personagem também é associado à força e, em contrapartida, o texto indica insegurança. Dessa forma, o *ethos* pré-discursivo e discursivo do texto se apoiam em estereótipos, enquanto o ethos dito os nega. Essa negação também se encontra no silenciamento de certos discursos, no caso estudado, Jeffords não fica envergonhado de estar vulnerável na frente do amigo.

Peralta, por sua vez, tem empatia pelo amigo e tenta apoiá-lo com frases como a apresentada pela figura abaixo. Além disso, o detetive também compartilha uma história pessoal de quando conheceu seu herói, o jogador de basquete *Patrick Ewing*. A subversão está na própria amizade dos personagens, pois ela não está baseada em ironia e sim em apoio emocional.

Figura 5 – Peralta ajudando Jeffords a falar com Parlov



Fonte - Série Brooklyn Nine-Nine, capítulo 8 temporada 4.

Podemos observar o oposto disso em *The Big Bang Theory,* no capítulo "*The Perspiration Implementation",* um dos protagonistas, Sheldon, diz aos seus amigos "estou tendo problemas femininos" ao se referir ao recente término de seu namoro e a resposta é "Se você está irritado e retendo água, eu tenho uma teoria". Nesse caso, um homem pediu apoio emocional aos outros e, em resposta, teve uma resposta sarcástica, diferente de Peralta de B99.

Peralta e Jeffords entrevistam Parlov e descobrem que as ameaças de morte começaram quando o escritor disse que um dos dragões de seus livros é feminino e isso gerou tensão com o público masculino. Peralta pergunta se Parlov deu "seios com escamas" e o autor responde que o dragão "não é um ser sexual". Após Parlov sair de cena, Jeffords tem a ideia de começar uma petição para tornar o dragão masculino e, assim, conseguir assinaturas para comparar com as cartas de ameaça.

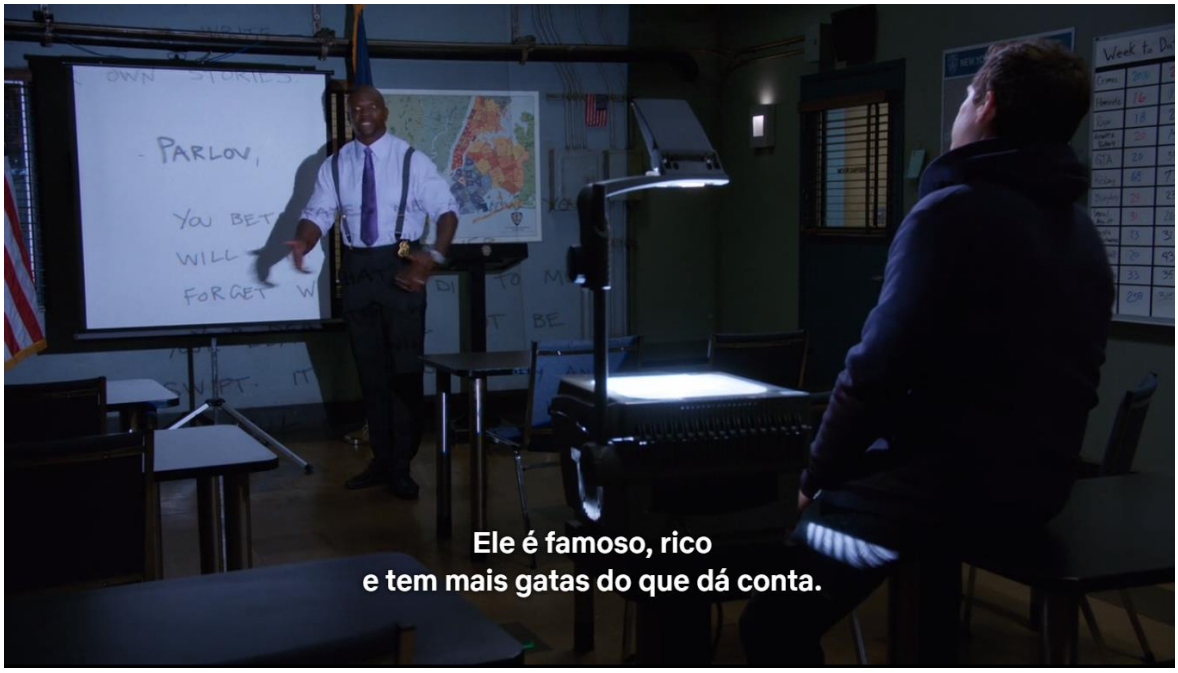
Os dois amigos vão a um encontro de fãs para leitura dos livros de Parlov usando fantasias de personagens de livro com a petição em mãos, Peralta diz em voz alta "Já temos muitas personagens femininas, não precisamos de uma terceira". Essa fala tem o intuito de entrar no personagem e legitimar o plano de Jeffords e por isso podemos observar que o personagem reconhece o sexismo e está usando isso para facilitar a investigação. A fala de Peralta destaca que os livros têm apenas três personagens femininas, um discurso que não valoriza participação feminina em produtos como esse diria algo como "Já temos muitas personagens femininas, não precisamos de mais uma". O segundo reforça a preocupação com o possível "excesso" de personagens femininas enquanto o primeiro faz o oposto, indicando a "escassez". A discordância do sexismo é explicitada na vinculação do discurso sexista com personalidades fantasiosas. E assim Peralta e Jeffords enunciam um discurso que não é deles.

Um possível suspeito, ao ver Peralta e Jeffords, pede para assinar a petição e diz: "Isso não se trata de sexismo. É que mulheres não são fortes o suficiente para serem dragões"; nesse discurso, força é uma característica masculina e, como dragões são fortes, não podem ser mulheres. Apontamos que o suspeito que enunciou essa fala é caricato, pois está fantasiado e suas falam citam o livro do qual é fã; somado a isso, Peralta e Jeffords fazem caretas em

resposta demonstrando repulsa ao que foi dito. Este é mais um exemplo de filtragem, pois a série se apropriou de parte do discurso que discorda para criticá-lo.

Na cena seguinte, os personagens comparam a letra da dedicatória de Parlov com as cartas de ameaça e concluem que são da mesma pessoa, Peralta então aponta a possibilidade de Parlov ter mandado as cartas para ele mesmo por publicidade, Jeffords então diz: “Parlov não precisa de ajuda, ele já é famoso, rico, e tem mais gatas do que dá conta”. Nesta fala o personagem destaca que sucesso, em parte, é “ter gatas” (em inglês foi utilizados *babes*) e podemos observar contradição do discurso da cena anterior. A palavra “gatas” se refere a um grande número de mulheres bonitas e novas (pois babes pode ser traduzido para bebês) e o verbo “ter” indica posse, nesse caso se refere especificamente ao ato sexual. Observamos um reforço do discurso que associa sexo com diversas mulheres a sucesso e felicidade e, assim, podemos identificar a objetificação de mulheres como um “troféu” do sucesso masculino.

Figura 6 – Jeffords (esquerda) conversando com Peralta (direita) sobre Parlov



Fonte - Série Brooklyn Nine-Nine, capítulo 8 temporada 4.

Os detetives vão ao quarto de hotel de Parlov e descobrem que ele não escrevia dedicatória alguma, pois seu ex-assistente, Edmund, era responsável por escrevê-las. Parlov fez sexo com a esposa e a irmã de Edmund e esse é o motivo de mandar as cartas de ameaça. Em seguida, o escritor vira as costas e, nas palavras de Peralta, vai “Divertir-se transando com três lindas mulheres de *cosplay”.* Para discutir essa cena, precisamos destacar que existe diferença entre discordar do discurso sexista e lutar contra o discurso sexista, pois o primeiro corre risco de ser conivente com ações e falas sexistas e, assim, essa hegemonia sexista continua. Fora isso a série se encontra em uma contradição, pois discorda de discursos sexistas e reforça um discurso que, historicamente, apoia o sexismo, pois associar o sucesso masculino a fazer sexo com o maior número de mulheres mais novas sem problematizar a individualidade de cada mulher implica na objetificação das mulheres.

Jeffords e Peralta, durante o capítulo, observam esse ambiente sexista de dentro e comunicam para os espectadores que discordam por meio de caretas e ironias, entretanto não repreendem o sexismo ativamente. Retomamos a ideia do silenciamento nesse caso, pois observar uma atitude sexista e apenas fazer uma careta ou piada e não tomar alguma ação mais concreta pode legitimar discursos. Essa legitimação acontece ao tornar o sexismo explícito por meio de uma reprovação leve como uma careta e não com alguma ação mais enfática, como uma repreensão verbal.

Vale a ressalva que, no caso de B99, essa situação é mais amena, pois os personagens não estão em seu ambiente de conforto, mas ainda assim são policiais e, portanto, figuras de autoridade que podem optar por se posicionar de modo diferente. O discurso aparente pode ser traduzido em “são apenas homens sendo homens”, quando na realidade o sexismo não define, necessariamente, masculinidade.

O conflito desse arco narrativo é centrado em Jeffords conhecer as falhas de seu herói de infância, e o apoio expressado por Peralta exemplifica bem o suporte emocional que um personagem oferece ao outro. No momento que Jeffords está tendo que lidar com uma possível falha de caráter de Parlov, ele diz que os dois devem ir ao escritor para que ele se explique e Peralta responde: “O

que você precisar”, sem condições a mais. Peralta sabe que Jeffords está em conflito e pretende ajudar o amigo a passar pelo processo ao invés de ridicularizá-lo. Jeffords responde: “Obrigado pela ajuda, significa muito”; assim, é possível observar que ele reconhece o apoio de Peralta tanto no momento imediato quanto no processo pelo qual está passando. Na cena seguinte, Jeffords não quer fazer a prisão, pois está questionando como pode deixar uma dedicatória falsa influenciar sua vida e Peralta o repreende, dizendo: “Agora, eu vou atrás daquele bandido, pois foi o que você me ensinou a fazer”. Nesse momento, Peralta destaca como Jeffords foi importante na evolução dele como policial e o reconhece como um herói. Aqui ele define o sucesso do amigo: “Você é um grande policial, pai, marido e chefe”.

Além do apoio de Peralta, podemos observar um discurso contrário ao dito por Jeffords ao se referir a Parlov, pois sucesso masculino está sendo definido por ser bom no trabalho, ser um bom pai e ser um bom marido, ou seja, ser “bom” com as pessoas que fazem parte da sua vida define ser um “bom” homem. Isso reforça o discurso geral da série ao tratar de masculinidade, segundo o qual homens precisam abrir mão de discursos de violência e dominação para serem “heróis”. É subversivo dizer isso quando comparamos com outros produtos midiáticos exemplificados por este trabalho e também é subversivo observar homens se ajudando entre si, quando comparamos aos comportamentos vigentes. Entretanto, esse discurso está internalizado no microcosmo dentro da delegacia; ao sair, não observamos qualquer tipo de repreensão a esse discurso e a conivência masculina não é subversiva.

4 – Considerações finais

A série B99 apresenta uma janela ao cotidiano da delegacia de polícia e, por meio de sua análise, foi possível observar diversas formas de subversão em relação a discursos e comportamentos vigentes, quando consideramos a masculinidade proposta pelo discurso dos personagens. Isso acontece, principalmente, no silenciamento de certos fatos, causando assim a naturalização de comportamentos inclusivos, como, por exemplo, a briga de Holt e Kevin, que não tem a solução do conflito atrelada a características dos estereótipos LGBT+ e sim atrelada ao contexto que o casal se encontra, no caso a distância devido ao trabalho.

Também são reconhecidas certas hegemonias atuais, como homens em cargos de liderança: a maior hierarquia de Holt pode ser vista em paralelo como estudo do IBGE (2018) que indicou que 60,9% dos cargos de liderança, no Brasil, em organizações privadas são ocupados por homens; já no setor público, o número gira em torno de 90% de representação masculina, dependendo do cargo. A primeira personagem a receber uma promoção foi a detetive Santiago, indicando uma mentalidade de mudança desse quadro.

A série apresentou amizades masculinas pautadas no apoio emocional e na ajuda mútua ao invés da competição e violência. É exemplo disso a interação de Peralta e Jeffords, que valorizam constantemente o bem-estar um do outro em detrimento da dominação e ironia.

Entretanto, foi possível notar contradições nesse discurso, pois existe perpetuação de ideias da antiga masculinidade que preza pela virilidade e força, como no exemplo de Holt sobre *“precisar transar”* para resolver seus problemas de relacionamento ou ser conivente a certas situações sexistas mesmo que discordando.

É importante dizer que, na conclusão deste trabalho, a série ainda está em produção e por isso está sofrendo mudanças conforme as discussões dentro do interdiscurso acontecem. Apesar de certas contradições, a série apresenta grande grau de subversão se comparada com outras séries ou situações históricas.

Apontamos que não foi possível concluir se esse é o exemplo de masculinidade que se tornará hegemônico no futuro, mas podemos defender que tem papel importante dentro das discussões da próxima hegemonia sobre a masculinidade.

5 – Bibliografia

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CHARAUDEAU, Patrick**;** MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** Tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CREWS, Terrence A. **Terry Crews Testifies on Being a Sexual Assault Victim**. 2016. (6m18s). Disponível em: <https://www.c-span.org/video/?c4737551/terry-crews-testifies-sexual-assault-victim>. Acesso em: 29 mai. 2019.

CONNELL, Robert W**;** MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Santa Catarina: Estudos Feministas, v.21, n.1 p. 241-282, 2013.

GUEDES, Mª Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?.** Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995 .Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Set. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil** – Rio de Janeiro, 2018. (informação demográfica e econômica, n.38)

MAINGUENEAU, Dominique. **A Propósito do *ethos***. In: MOTTA, Ana Raquel (org.). **Ethos discursivo**. _____:Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. 2º. ed.São Paulo: Parábola, 2016.

MENEGHIN, Paulo. **Entre o medo da contaminação pelo HIV e as representações simbólicas da AIDS: o espectro do desespero contemporâneo**. Ver. Es. Enf. USP, v. 30, n. 3, p.399-415, dez. 1996

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna C. (org.) **Introdução à Linguística - domínios e fronteiras.** Vol. 2. Editora Cortez, 2004. P. 101-142.

Public Religion Research Institute. **Shifting Landscape: A Decade of Change in American Attitudes about Same-sex Marriage and LGBT Issues** – Washington, DC, 2014.

SILVA, Sergio Gomes da.**Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, Set. 2000 .Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Set. 2019.